

PME Líder ganham fôlego na última década

Resultado líquido é o indicador mais distintivo das empresas com o estatuto atribuído pelo IAPMEI e pelo Turismo de Portugal face às restantes PME entre 2011 e 2021. São dez anos em que o aumento do volume de negócios deste grupo é constante, contribuindo para um crescente peso na economia.



propriedade industrial é menor, tal como o peso de gastos em formação no valor dos empregados.

Já a qualificação-valor unitário e a produtividade dos empregados resultam num aumento, ao longo da década 2011/2021, de 1,58 euros para 1,84 euros de valor acrescentado por cada euro de valor de empregados, enquanto o total de empresas sem este estatuto estagnou nos 1,64 euros.

Resiliência financeira é ponto forte

A probabilidade de o resultado económico ser negativo numa PME Líder é menor, o que revela um risco económico inferior, uma vez que apresentam, em média, taxas de margem de segurança económica muito superiores, assim como maior rentabilidade económica.

Neste grupo de empresas, o nível de volume de negócios passou de 8,2% acima do seu ponto crítico de rentabilidade nula em 2011 para 20,4% em 2021. Ou seja, mantendo-se a taxa de margem sobre custos variáveis e os custos fixos, em média ponderada uma PME Líder suportaria uma quebra de negócios até -20,4%, sem resultado negativo. A referência era de 2,8% e passou a ser de 5,1%.

A sustentabilidade é maior na indústria e no turismo, mas menor no seu todo, no sentido em que há menor eficiência energética (2,19% de gastos energéticos por valor da produção, versus 1,83%, apesar de menores do que em 2011, 2,75%, na indústria 2,32% versus 2,42% em 2021). Há também menor reversibilidade estratégica, menor peso de gastos estratégicos reversíveis, cuja variação depende de decisões imediatas de gestão, na relação com o meio ambiente envolvente, apesar do maior peso de donativos, uma das suas componentes (1,1% versus 0,7%).

A rentabilidade económica era também inferior em 2011 (8,4%/10% da referência) aumentou e passou a ser superior em 2021 (12,9%/11%), com o contributo determinante da indústria (15,3% versus 10,8% em 2021, aumentando ao longo da década a sua constante superioridade) e do turismo.

Mais autonomia, menos endividamento

Autonomia financeira muito superior, com peso do endividamento remunerado

muito inferior, e com uma rentabilidade financeira mais elevada são outros pontos fortes no grupo das PME Líder. A autonomia financeira é maior do que nas empresas sem este estatuto (58,6% versus 37,5%), e aumentou em relação a 2011 (43,4% versus 34,5%).

O peso dos financiamentos remunerados com juros é também inferior (17,9% versus 27,9%) e baixou ao longo da década (24,6% versus 39,1% em 2013), sendo coberto por fluxos de valor económico (EBITDA recorrente) extrapolado de 1,3 anos versus 4,5 anos da referência (2,4 anos e 6,6 anos em 2013). O grau de absorção desse resultado económico bruto por juros e outros gastos de financiamento foi de apenas 2,5% versus 15,9% (15% versus 30,8% em 2011).

A rentabilidade financeira, o resultado líquido de impostos que é obtido por relação com os capitais próprios, é superior, de 15,7% (11,7% na referência), e cresceu em relação a 2011 (8,1% versus 10,3%).

Tesouraria saudável

Fluxos de caixa positivos e uma tesouraria capaz de dar resposta às necessidades operacionais do negócio também marcam a diferença no grupo das PME Líder. O prazo médio de pagamento a fornecedores é baixo, inferior às empresas sem este estatuto (57 dias versus 70 dias), e foi reduzido em relação a 2011 (71 dias versus 80 dias).

Os recebimentos de clientes são superiores aos pagamentos aos fornecedores e aos empregados (caixa gerada pelas operações) em 13,1% do volume de negócios, inferior à referência em 2021 (15,2%), mas com aumento em relação a 2011 (8,8% versus 13%). Mais uma vez, na indústria e no turismo o indicador é mais favorável. Os fluxos de caixa representam 25,1% do saldo de caixa em 2021, inferior à referência (32,4%).

O tempo de redução da atividade até à rutura de tesouraria é de 4,66 meses, muito superior à referência (2,48 meses), e foi muito acrescida em relação a 2011 (1,91 meses versus 1,62 meses), o que manifesta muito maiores graus de liberdade na redução da atividade, como aconteceu a muitas PME Líder com os impactos da pandemia, nomeadamente na cadeia de valor do turismo.

Paulo Deus, analista da Iberinform

Paulo Portas disse, recentemente, durante a sua participação na primeira 'PME Líder Talk', promovida pelo novobanco, em parceria com o Jornal de Negócios, que estas empresas "são o motor da economia". Uma conclusão que pode igualmente ser retirada da análise feita ao comportamento das PME Líder durante a última década. O trabalho, realizado pela consultora Iberinform, revela um desempenho dinâmico e coerente, com um crescimento consolidado, quer no número de entidades distinguidas com

o 'selo de qualidade' do IAPMEI, quer ao nível dos diversos indicadores financeiros analisados. As principais conclusões permitem destacar o peso que estas entidades conquistaram na economia nacional, através da evolução notória do volume de negócios total, mas também do resultado líquido, o que se traduz numa imagem global de eficiência.

Valor a crescer e risco a reduzir

A valorização das PME Líder ao longo da década 2011/2021 é uma realidade que se reflete no peso que este grupo de empresas ganhou, durante este período, na economia nacional, o que lhes confere um nível de risco cada vez mais baixo

e diminuído. Nestes dez anos, o crescimento do Valor Acrescentado Bruto (VAB) passou de 5,2% em 2011 para 6,9% em 2021, com maiores aumentos a partir de 2017, contribuindo para a importância destes negócios para o Produto Interno Bruto (PIB) do país. O grau de valorização dos negócios (VAB/Volume de Negócios) e o resultado líquido obtido a partir do VAB tiveram uma tendência crescente e passaram, respetivamente, de 22,4% em 2011 para 28,4% em 2021, e de 13,2% em 2011 para 29,7% em 2021.

Empresas mais produtivas

No geral, as PME Líder apresentam menor risco estratégico (probabilidade de o

valor acrescentado ser negativo) e maior produtividade. Nos últimos anos, especialmente a partir de 2017, as empresas com este estatuto têm manifestado uma maior dinâmica de captação de mercado, com menores taxas de exportação e de importação.

O crescimento dos negócios foi atingido com um maior grau de valorização (valor acrescentado ao valor de fornecedores a partir do valor da produção, níveis de 28% versus 25%), com maior dinâmica de investimento em meios estratégicos e com maior peso de emprego em I&D (níveis superiores a 0,6%). No entanto, o peso dos investimentos em projetos e desenvolvimento e em